

# João Gilberto - Águas de Março

Tom: Gb

(intro) B

É pau, é pedra, é o fim do caminho  
 É um resto de toco, é um pouco sozinho  
 É um caco de vidro, é a vida, é o sol  
 É a noite, é a morte, é um laço, é o anzol  
 É peroba do campo, é o nó da madeira  
 Caingá, candeia, é o Matita Pereira  
 É madeira de vento, da ribanceira  
 É o mistério profundo, é o queira ou não queira  
 É o vento ventando, é o fim da ladeira  
 É a viga, é o vão, festa da cumeeira  
 É a chuva chovendo, é conversa ribeira  
 Das águas de março, é o fim da canseira  
 É o pé, é o chão, é a marcha estradeira  
 Passarinho na mão, pedra de atiradeira  
 É uma ave no céu, é uma ave no chão  
 É um regato, é uma fonte, é um pedaço de pão  
 É o fundo do poço, é o fim do caminho  
 No rosto o desgosto, é um pouco sozinho  
 É um estrepe, é um prego, é uma ponta, é um ponto  
 Um pingo pingando, uma conta um conto  
 Um peixe, é um gesto, é uma prata brilhando  
 É a luz da manhã, é o tijolo chegando  
 É a lenha, é o dia, é o fim da picada  
 É a garrafa de cana, o estilhaço na estrada  
 O projeto da casa, é o corpo na cama  
 É o carro enguiçado, é a lama, é a lama  
 É um passo, é uma ponte, é um sapo, é uma rã  
 É um resto de mato, na luz da manhã  
 São as águas de março fechando o verão  
 É a promessa de vida no teu coração  
 É uma cobra, é um pau, é João, é José  
 É um espinho na mão, é um corte no pé  
 São as águas de março fechando o verão  
 É a promessa de vida no teu coração  
 É pau, é pedra, é o fim do caminho  
 É um resto de toco, é um pouco sozinho  
 É um passo, é uma ponte, é um sapo, é uma rã

É um belo horizonte, é uma febre terçã  
 São as águas de março fechando o verão  
 É a promessa de vida no teu coração  
 É pau, é pedra, é o fim do caminho  
 Um resto de toco, é um pouco sozinho  
 É um caco de vidro, é a vida, é o sol  
 É a noite, é a morte, é um laço, é o anzol  
 São as águas de março fechando o verão  
 É a promessa de vida no teu coração  
 É pau, é pedra, é o fim do caminho  
 É um resto de toco, é um pouco sozinho  
 É um caco de vidro, é a vida, é o sol  
 É a noite, é a morte, é um laço, é o anzol  
 É peroba do campo, é o nó da madeira  
 Caingá, candeia, é o Matita Pereira  
 É madeira de vento, da ribanceira  
 É o mistério profundo, o queira ou não queira  
 É o vento ventando, é o fim da ladeira  
 É a viga, é o vão, festa da cumeeira  
 É a chuva chovendo, é conversa ribeira  
 Das águas de março, é o fim da canseira  
 É o pé, é o chão, é a marcha estradeira  
 Passarinho na mão, pedra de atiradeira  
 É uma ave no céu, é uma ave no chão  
 É um regato, é uma fonte, é um pedaço de pão  
 É o fundo do poço, é o fim do caminho  
 No rosto o desgosto, é um pouco sozinho  
 É um estrepe, é um prego, é uma ponta, é um ponto  
 Um pingo pingando, uma conta um conto  
 Um peixe, é um gesto, é uma prata brilhando  
 É a luz da manhã, é o tijolo chegando  
 É a lenha, é o dia, é o fim da picada  
 É a garrafa de cana, o estilhaço na estrada  
 O projeto da casa, é o corpo na cama  
 É o carro enguiçado, é a lama, é a lama  
 É um passo, é uma ponte, é um sapo, é uma rã  
 É um resto de mato, na luz da manhã  
 São as águas de março fechando o verão  
 É a promessa de vida no teu coração

É uma cobra, é um pau, é João, é José  
 É um espinho na mão, é um corte no pé  
 São as águas de março fechando o verão  
 É a promessa de vida no teu coração  
 É pau, é pedra, é o fim do caminho  
 É um resto de toco, é um pouco sozinho  
 É um passo, é uma ponte, é um sapo, é uma rã  
 É um belo horizonte, é uma febre terça  
 São as águas de março fechando o verão

É a promessa de vida no teu coração  
 É pau, é pedra, é o fim do caminho  
 Um resto de toco, é um pouco sozinho  
 É um caco de vidro, é a vida, é o sol  
 É a noite, é a morte, é um laço, é o anzol  
 São as águas de março fechando o verão  
 É a promessa de vida no teu coração  
 É pau é pedra

## Acordes

